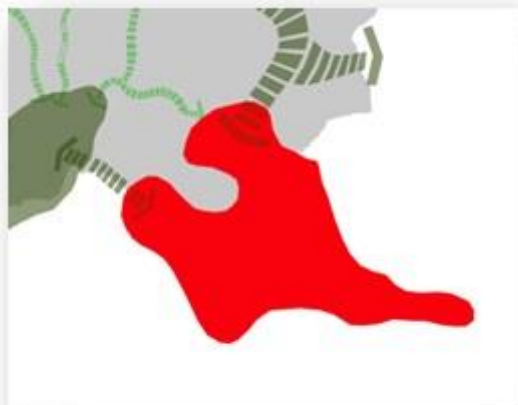


## Estuário do Sado



**Tipo:** Área Estruturante Primária da Rede Ecológica Metropolitana

**Concelhos:** Setúbal e Palmela

**Áreas classificadas:** Área Protegida (Reserva Natural do Estuário do Sado), Rede natura 2000 (ZPE e SIC do Estuário do Sado)

**Descrição geral:** O Sado constitui o segundo

maior dos rios exclusivamente portugueses. Nasce na serra da Vigia, a cerca de 230 metros de altitude, e desagua no oceano Atlântico por um largo estuário em frente da cidade de Setúbal, após um percurso de 180 km.

Do estuário do Sado apenas está inserido na AML o seu extremo norte e a parte terminal da Ribeira da Marateca.

Constitui contudo o elemento estruturante localizado mais a sul da AML, com especial importância ecológica e paisagística.

A complementaridade entre este estuário e o estuário do Tejo em termos de habitat da avifauna é bastante elevada, pelo que a sua ligação é um dos elementos chave da rede ecológica metropolitana.

Formação estuarina de grandes dimensões, separada do mar no seu troço final por um cordão dunar (Península de Tróia), esta unidade engloba não só uma extensa área húmida como também áreas terrestres de elevada importância. A comunicação com o oceano faz-se através de uma estreita garganta ocupada por terrenos arenosos. Inclui troços de rio, bancos de vasa e de areia, praias e dunas costeiras, lagoas de água doce, caniçais, matos esclerófilos, montados e áreas agrícolas com pastagens, culturas arvenses de regadio (arroz) e plantações florestais (sobreiro, pinheiro e eucalipto). Apresenta extensas zonas intertidais que cobrem cerca de 6500 ha, sendo as mais importantes que rodeiam o esteiro da Marateca.



É uma zona húmida com uma notável diversidade paisagística, em boa medida suportada por actividades agro-silvo-pastoris de baixa intensidade. Em termos florísticos, esta unidade destaca-se pela ocorrência de extensos sapais complexos e outros ecossistemas tolerantes à salinidade e pela ocorrência de extensos complexos paleo-dunares nos quais se salientam a ocorrência de espécies vegetais próprias de terrenos arenosos enxutos importantes para a conservação da biodiversidade.



Nas várzeas da Ribeira da Marateca são também merecedores de destaque devido ao bom estado de conservação, as comunidades vegetais sociáveis com certas actividades humanas. Nas várzeas perpendiculares a esta ribeira em direcção ao planalto de Lau, salientam-se ainda os relvados espontâneos ricos em numerosas leguminosas responsáveis pelo enriquecimento natural dos solos em substâncias azotadas. Estes relvados produzem pastagens naturais de grande

valor económico e ecológico. Merecem ainda destaque as galerias de vegetação lenhosa localizadas no eixo central das várzeas que marginam as linhas de água.

O interesse faunístico desta área reside essencialmente na riqueza, diversidade e consistência da comunidade de aves (em particular aquáticas) que alberga. No entanto a presença de habitats diversificados potencia a ocorrência de outros grupos de fauna onde se destacam algumas espécies interessantes, designadamente o Flamingo, o Perna-longa e o Tartaranhão-ruivo-dos-pauis.

É ainda uma importante área de passagem e internada para um grande número de espécies de aves aquáticas, sendo considerada a terceira zona húmida portuguesa para aves limícolas. A ocorrência regular de mais de 20 000 aves aquáticas confere um estatuto de importância internacional a esta zona húmida. A sua importância é ainda justificada por suportar mais de 1% da população invernante (na Europa ocidental) de alfaiate, tarambola-cinzenta, pato-trombeteiro e corvo-marinho-de-faces-brancas.



A área possui ainda algumas zonas de caniçal embora pequenos e dispersos de grande valor como locais de passagem e de repouso durante a migração transariana de passeriformes e também como áreas importantes de nidificação para uma grande diversidade de espécies. É clara a importância das salinas

activas ou abandonadas, bem como arrozais que confinam com as salinas, quer como locais de refúgio e alimentação de aves limícolas, quer como locais de reprodução de perna-longa.

No que respeita aos mamíferos, a área destaca-se por ser o único local conhecido na costa portuguesa onde existe uma população residente de roaz-corvineiro. É também um dos poucos locais conhecidos no país para o morcego-negro, destacando-se ainda o rato de Cabrera (na ribeira da Marateca), a lontra e o toirão como espécies de estatuto de conservação desfavorável.



Em relação à ictiofauna, nos cursos de água afluentes do Sado, destacam-se os ciprinídeos, como a Boga-portuguesa, a Boga e o Rutilo, pela sua distribuição localizada e pelo seu carácter endémico peninsular. O estuário propriamente dito apresenta uma ictiofauna bastante rica e diversificada, incluindo diversas espécies com valor comercial e biológico, que em Portugal só encontra paralelo no Estuário do Tejo, nas Rias de Aveiro e

Formosa. Destacam-se o sável e a savelha, dois peixes migradores que utilizam os estuários para a criação. Também são referidos como quantitativos importantes o choupa, o linguado- -ferrugento, o garrento, a raia-riscada e o linguado.

O estuário do Sado é muito importante a nível nacional no que diz respeito aos recursos haliêuticos. A fauna de invertebrados ocorrente no estuário é rica e diversificada, apresentando algumas espécies de elevado valor económico alimentar (como o berbigão, búzios, ameijoas, lambujinha, lingueirão, choco, camarão, caranguejo) ou com outros usos (como o minhocão e o casulo, usados para isco na pesca). É o mais importante no tocante à abundância de cefalópodes, fundamentalmente devido à presença de choco-vulgar, que aqui aparece de forma regular e com quantitativos elevados.

Na região de Lisboa e Vale do Tejo, inserem-se nesta área, ou na sua confluência, os lugares de Faralhão, Santo Ovídeo, Mourisca do Sado, Vale de Judeus e Gâmbia, entre outros do município de Setúbal.

*Fonte das imagens: site da CM de Setúbal*